

Moutinho, Mario C. M. 2010. Os museus portugueses perante a Sociomuseologia. In 100 anos de património: memória e identidade: , 313 - 322. ISBN: 978-989-8052-20-9. Lisboa: IGESPAR. **Mário Moutinho**

Os museus Portugueses perante a Sociomuseologia

Mário Moutinho¹

Os Museus constituem atualmente, na maioria dos países, uma parte da atividade cultural onde se desenvolvem os desafios cada vez mais centrais das problemáticas da identidade, do lazer, da educação e da inclusão socioeconómica.

Em Portugal o fim do século XX foi certamente o período em que o pensamento museológico, a par do forte aumento do número dos museus, mais cresceu. Trata-se de iniciativas essencialmente de âmbito local com origem no associativismo e nas políticas culturais e turísticas dos municípios. Estas iniciativas correspondem a um complexo conjunto de motivações, de abordagens e de diversas formas de entender as questões patrimoniais tanto ao nível da patrimonialização como da musealização. É pois legítimo encontrar um panorama multifacetado desta museologia, a qual se apoia atualmente, por um lado no enquadramento das políticas públicas para a cultura, tanto de âmbito nacional como europeu, (POC, Programas LEADER, INTERREG etc.) e por outro lado numa crescente atenção que as universidades portuguesas têm dado à questão da qualificação dos recursos humanos. São várias as Universidades, subsidiadas e autofinanciadas, que oferecem cursos de pós graduação, de Mestrado e mais recentemente de Doutoramento em Museologia. Seguindo conceitos métodos e objetivos diversos, mas que no seu todo oferecem um vasto leque de escolha entre a museologia tradicional voltada para as coleções e a museologia mais envolvida com as questões da inclusão social e do desenvolvimento. Isoladas estão as pessoas que ainda não assumiram que a qualidade de desempenho de uma instituição, depende da qualificação do seu Capital Humano e, conseqüentemente, da qualidade da sua formação teórica e prática.

No último quartel do século XX as práticas museológicas e os conceitos que lhes estão ligados sofreram alterações profundas. Este processo procurou adaptar as instituições museológicas às mutações da própria sociedade sempre no sentido de levar os museus a participarem ativamente em favor das sociedades que lhes davam e dão vida. As práticas correntemente inscritas na ideia de Nova Museologia ao longo dos anos foram incorporando novas abordagens e novos conceitos que atualmente dão corpo à Sociomuseologia, na qual se busca uma visão mais abrangente destes processos.

Isto não significa que todos os museus tenham sido sempre sensíveis aos contextos de mudança, pelo que hoje encontramos museus que se autoexcluíram dos processos de participação e na verdade vegetam lamentavelmente sem que neles se vislumbre o exercício de qualquer utilidade para com o resto da sociedade.

São museus alheios ao desenvolvimento, sorvedouros de recursos financeiros, fechados sobre as suas coleções que na maior parte dos casos se deterioram ao ritmo dos anos.

Por isso, esses museus, reduzem geralmente a sua atividade à manutenção de uma exposição permanente sem ideias, sem rumo, de puro “exibicionismo” como diria Hugues de Varine e que por isso mesmo, envelhecem ainda mais rapidamente.

Já descrevemos² uma possível categorização dos museus tendo em conta os seus compromissos, ou seja de fato aquilo a que estão efetivamente vinculados no seu dia a dia.

¹ Este texto utiliza largamente os seguintes documentos da nossa autoria:

-Museologia: Novos Enfoques / Novos Desafios, **Revista Ciências em Museus**, nº 4, **Actas do Simpósio Internacional "O Processo de Comunicação nos Museus de Arqueologia e Etnologia"**, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 1995, São Paulo.

-A Museologia Informal, **Boletim da Associação Portuguesa de Museologia**, nº 3, APOM, 1996, Lisboa.

-Theory and Practice of Social Museology, **Stoneterior**, nº46, 1997, Toquio.

-Notas para apresentação do tema Museologia e Desenvolvimento, “**Understanding Culture in Sustainable Development: Investing in Cultural and Natural Endowments**”. World Bank, Washington, 1998.

-Fronteiras reais e imaginárias nos Museus, in **Museos: del templo al laboratorio**, Coord. Juan Carlos Rico Ediciones SILEX, Madrid, 2010, (no prlo)

Assim temos os museus compromissados consigo próprios que a penas buscam a sobrevivência institucional, assegurando a abertura regular das portas nos horários fixados pelas tutelas. São museus que não dão problemas nem para essas mesmas tutelas nem para os seus diretores ou diretoras para quem as iniciativas devem ser permanentemente adiadas. Eventualmente um chamado serviço educativo que mostra a exposição, assegura a quase totalidade dos visitantes. Outro tipo de museus agrupa as instituições que têm por finalidade servir o poder, no ato da inauguração, nas visitas presidenciais e na justificação da existência de preocupações culturais a nível autárquico ou da administração local. “São Museus que transmitem condicionamentos culturais e políticos muitas vezes na perfeita harmonia com serviços pedagógicos bem montados, onde as teorias da aprendizagem formal e informal são sempre atualizadas. Mas também são museus onde mais que a memória se guiam pelo esquecimento. *Nunca se saberia visitando a maioria dos museus Americanos que o homem negro existe na América* (John Kinard, Director do Museu de Anacostia.)”³.

Uma terceira categoria refere-se aos museus compromissados com a indústria cultural, onde para desespero dos conservadores que fazem parte dos quadros e gerem minguados orçamentos, tomam o poder de um dia para o outro, por períodos mais ou menos longos, os chamados “comissários” que vêm gerir a aplicação de elevadas verbas, provenientes de grandes empresas carentes de valorização pública cultural, ou diretamente de Comissões criadas pela administração central para comemorar aniversários, centenários, ilustrar reuniões internacionais. É a museologia ao sabor da criatividade de “Empresas Culturais” atualmente assentes na utilização de novas tecnologias de informação e comunicação onde se fica na dúvida se são os recursos tecnológicos a alma da exposição ou mesmo se para lá disso a exposição tem alguma alma.

Existem também os museus clandestinos, compromissados com os seus públicos onde tudo o que se faz de inovador se faz para lá das horas de serviço, onde cada exposição é uma vitória sobre a ignorância na tentativa de passar uma mensagem, ou uma ideia. São museus que vingam à revelia das administrações ou das tutelas. Ou são mesmo museus onde as administrações têm de atuar à revelia das tutelas, pondo cada dia em risco o seu emprego.

Enfim uma outra categoria de Museu bem mais complexa de definir onde se junta um envolvimento mais profundo com o mundo contemporâneo, com mais ou menos recursos, mas que procura aliar o seu quotidiano aos seus recursos humanos, protegido por administrações ou tutelas que fazem da partilha a sua regra de conduta, que estão atentos aos novos recursos tecnológicos procurando usar estes ao serviço das ideias. Estes museus (públicos e privados) que na verdade buscam o seu caminho todos os dias existem um pouco por todo o país mas são certamente uma minoria. Ou de outra forma, são museus que vivem procurando os compromissos necessários à sua existência centrando-se sobre o essencial ao mesmo tempo que relativizam o que é marginal.

Pensando mais propriamente nos Museus Locais (bem mais de um milhar), Fernando João Moreira destacou quatro situações relacionadas com os objetivos que os fundamentam e, claro está, com as práticas que daí derivam:

“O museu politicamente correto

O museu local que, dotado de alguns meios técnicos e financeiros procura salvaguardar o património local e assumir um papel de interventor ativo na promoção das bases culturais e identitárias existentes na sua área de influência, ou seja, um museu cuja atuação se cinge ao domínio cultural (...) e em cujas atividades a linguagem expositiva ocupa um papel central – o museu politicamente correto e de sucesso, o orgulho do Presidente da Câmara Municipal e o paraíso do conservador museólogo pós-moderno (o museu tradicional de nova geração em meio rural ou de sede de concelho);

O museu incompreendido ou o museu primeiros socorros

O museu local que se assume como prestador de serviços, um museu concebido para ser utilizado pelas populações consoante as suas necessidades pessoais ou coletivas, ou seja, um museu com objetivos nobres mas que, pelo seu carácter de “faz tudo”, dificilmente é tomado a

² Cf. Mário Moutinho., Os compromissos dos museus com a sociedade, MUSA, Museus, Arqueologia & outros Patrimónios; Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal nº 1, 2005

³ Iden

sério pela comunidade e pelas instituições regulatórias – o museu incompreendido ou o museu primeiros socorros;

O museu promotor

O museu local que tem como objetivo fundamental da sua atuação a promoção do desenvolvimento local, um museu aberto a toda a participação popular e com campos de atuação variados centrados em duas dimensões principais, a interna (promoção do desenvolvimento imaterial das populações – reforço das identidades, inclusão de setores específicos da população, preservação da memória, numa palavra, a dimensão de guarda das especificidades e da manutenção das diferenças locais) e a externa (promoção do desenvolvimento material - reforço da visibilidade local no exterior, reforço da atratividade turística, agente de animação, agente da valorização dos produtos artesanais locais através da promoção da inovação na tradição, ..., numa palavra, a dimensão de agente despoletador de fatores de equidade territorial relativamente a outros espaços). Trata-se de um museu cuja diferença para o tipo anterior reside, sobretudo, na existência de parâmetros que balizam a sua ação (existência de grandes objetivos e de objetivos específicos materializados na existência de estratégias de atuação que culminam num programa de atuação – plano estratégico e operacional do museu, elaborado através da adoção de metodologias efetivamente participativas) e no facto de privilegiar as ações coletivas de base local em detrimento das ações com contornos ou objetivos mais individuais – o museu promotor”.⁴

Em ambas caracterizações (reductoras por natureza) podemos no entanto encontrar algumas das linhas de força que caracterizam a museologia e museus nos tempos que correm. Trata-se de assumir o direito à diferença, a crescente autonomia dos públicos e a existência de utilizadores diretos e indiretos, a crescente transformação dos ritmos da atividade museológica e a mais longínqua não menos incontornável compreensão dos museus como entidades prestadoras de serviços.

O direito à diferença

Deixou de existir um modelo único de Museu igual à ideia de coleção, de edifício e de público, para se assumir o museu com um lugar central dos conceitos de património (s) território e população.

Desenvolveram-se novos modelos de gestão não hierarquizados e assumiu-se o alargamento da noção de património, e a consequente redefinição de "objeto museológico",

Este processo de abandono de uma ideia única de Museu é determinado pela ambiguidade desta situação, que arrasta conflitos, difíceis em muitos casos de resolver.

Os conceitos de Sociomuseologia de forma mais abrangente e alguns dos conceitos ligados à nova museologia tais como Ecomuseologia e Economuseologia, expressam diferentes formas dos museus se posicionarem no mundo contemporâneo. Partiu-se da ideia de que o museu é "uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que realiza investigações que dizem respeito aos testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, adquire os mesmos, conserva-os, transmite-os e expõe-nos especialmente com intenções de estudo, da educação e de deleite". Os museus bem comportados do ICOM!

Mas para além desses Museus designados como tal passaram também a ser reconhecidas como museus as instituições ou organizações com fins não lucrativos que exercem atividades de investigação, educativas, de formação, de documentação e outras relacionadas com os Museu ou com a museologia (Estatutos do Conselho Internacional dos Museu 1995)

É cada vez mais frequente constatar que uma nova geração de Museus (mesmo aqueles que nada mudaram em relação aos pontos que referimos) se organizam e definem os seus programas de atividades e são perspectivados, como recurso para o desenvolvimento. Preocupam-se com os problemas do mundo em que vivem promovendo o emprego, fomentando novas formas de turismo, revitalizando e criando indústrias e reforçando identidades.

⁴ Cf. Mário Moutinho., A qualidade em museus, nos museus em mudança. Cadernos de Sociomuseologia N° 25 – 2006, ULHT, Lisboa, p. 66

É certo que já nos estatutos do ICOM se fala que o museu é uma instituição ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, mas também é certo que os museus têm estado mais ao serviço de si próprios, das suas coleções e dos objetos que os seus donos lhes atribuíram, porque os museus têm donos sejam eles públicos ou privados.

Mas também é certo, que é cada vez mais frequente constatar que uma nova geração de Museus se organizam e definem os seus programas de atividades perspetivados, como recurso para o desenvolvimento. Preocupam-se com os problemas do mundo em que vivem promovendo o emprego, fomentando novas formas de turismo, revitalizando e criando indústrias e reforçando identidades. Cada dia mais os museus procuram diferentes formas de sustentabilidade e estão atentos à promoção do desenvolvimento humano e da coesão social e económica

A autonomia dos públicos

A museologia como meio de comunicação é cada vez mais entendida como um recurso exterior ao Museu. E se assim for, teremos de considerar a distinção entre a museografia, como tudo o que diz respeito ao Museu, da expografia entendida como uma escrita, de algum modo inovadora, como sendo esse meio de comunicação.

Podemos fazer um paralelo: se a escrita não é apenas um recurso ao serviço dos editores de texto, mas sim uma forma de expressão cada vez mais acessível e democratizada a expografia também não é apenas um recurso que só tem sentido ao serviço dos Museus

Se o Museu reconhece e é fruto das multifacetadas Redes, que lhe dá vida, terá forçosamente que admitir a alteração do lugar de cada um ocupa neste processo e encontrar novos rumos de comunicação que tenham em consideração os que produzem e consomem o discurso museológico são parte do mesmo processo.

Mas para os Museus isto trás consequências importantes e de difícil aceitação. A expografia deixando de estar acorrentada ao serviço das coleções passa a poder ser um recurso para desenvolver e apresentar ideias dentro e fora do Museu.

O grau de autonomia de cada pessoa, que hoje caracteriza a nossa sociedade leva os indivíduos cada vez mais, a não se submeterem tão facilmente a discursos autoritários e padronizados.

Primeiro, cada vez mais se exige uma informação (ou questionamento) sobre o quotidiano. O Museu é cada vez mais entendido pelo seu conteúdo, como através das preocupações do visitante. Reconhecer a existência de um público que não precisa de guias, nem legendas é apenas bom senso e obriga o Museu a elaborar discursos simultaneamente mais complexos e menos padronizados.

Hoje em dia qualquer adolescente domina plenamente processos de aquisição de informação mil vezes mais amplos e complexos que a geração dos seus pais. Estamos a falar da Web e de todos os recursos aí existentes. Por que razão alguém se contentará da geralmente pobre informação que o Museu disponibiliza quando tem ao seu alcance um mundo de conhecimento? Hoje em dia qualquer adolescente nos países desenvolvidos e em certa medida nos outros países, domina plenamente processos de aquisição de informação mil vezes mais amplos e complexos que a geração dos seus pais. Estamos a falar da Web e de todos os recursos aí existentes. Porque razão alguém se contentará da geralmente pobre informação que o Museu disponibiliza quando tem ao seu alcance um mundo de conhecimento? E no entanto os museus obstinam-se a transportar para os *displays* singulares ou cobrindo paredes inteiras, exatamente os mesmos conteúdos que anteriormente apresentação em painéis penosamente construídos pedaço a pedaço ou, mais modernamente, diretamente impressos em telas que depois se afixavam aos mesmos painéis. Reduzir ou não procurar utilizar os recursos tecnológicos atuais para servir novos desafios da museologia, mas somente para modernizar narrativas esgotadas, parece cada vez mais uma falta de atenção para com o mundo em mudança.

Os ritmos museológicos

A ideia de exposição temporária é hoje um dado adquirido e nenhum museu que se pretenda moderno ousaria ignorar este facto. Por outro lado a montagem de exposições sobre problemas da atualidade, *museus da sociologia, da psicologia ou da globalização*, também são uma realidade e estruturam por si sós a programação museológica de pequenas e grandes instituições, ou de pequenos museus de comunidade e de redes onde as exposições são

essencialmente o partilhado processo de apreensão da realidade e catalisadoras de vontades, aspirações e desejos de intervenção.

Faltará pois ter em consideração que mais tarde ou mais cedo os museus terão de deixar pelo menos em parte esta obsessão pelo passado, para passar a comunicar por meio de objetos que expressam ideias e reconhecer a existência de um público que não precisa de guias, nem legendas.

Museu em que cada dia as suas exposições possam mudar de acordo com a vida de cada dia e onde cada um, leia outro jornal ou veja outra televisão, que tomou em consideração a sua memória a qual condiciona a sua percepção do mundo.

Se o Museu reconhece e é fruto da Comunidade, que lhe dá vida, terá forçosamente que admitir a alteração do lugar de cada um neste processo e encontrar novos rumos de comunicação que tenham em consideração os que produzem e consomem o discurso museológico.

Em forma de conclusão

Quer se trate de museus tradicionais que preservam e exibem as suas coleções para múltiplos fins incluindo a educação o lazer, ou quer se trate de museus sustentados conceptualmente na Sociomuseologia e por isso envolvidos com os conceitos de desenvolvimento, território, participação e inclusão social, em ambos os casos podem ser entendidos como organizações prestadoras de serviços, também configuradas com as expectativas dos seus públicos, utilizadores e beneficiários indiretos.

Os contornos, os conceitos e as práticas dos Museus têm passado por transformações profundas que têm colocado os Museus na Europa e no Mundo no centro da vida económica cultural e social.

O trabalho teórico e metodológico que permite compreender estas transformações é pois a tarefa principal de todos aqueles que vêm na Sociomuseologia um recurso essencial de intervenção no mundo em que vivemos.

Documento

Definição evolutiva de Sociomuseologia: Proposta para reflexão⁵

Mário Moutinho, Definição evolutiva de Sociomuseologia: Proposta para reflexão, in atas do XIII Atelier Internacional do MINOM, Lisboa-Setúbal, Lisboa, Setembro 2007. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/510/413>

A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

A Sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.

A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica.

A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social no património cultural e natural, tangível e intangível da humanidade.

O que caracteriza a Sociomuseologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objetivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita.

As preocupações fundamentais da Sociomuseologia há muito que se encontram descritas em numerosos documentos elaborados dentro e fora da Museologia.

A título de exemplo pode-se referir a Declaração de Santiago do Chile de 1972, a Declaração de Quebec (MINOM) 1984, a Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais (UNESCO), 2005, a Convenção para a salvaguarda do património imaterial (UNESCO) 2003, Convenção do Património Mundial, A Proteção do Património Mundial Cultural e Natural, UNESCO – Paris, 1972, Em todos estes documentos aparece um traço de continuidade que indica claramente o alargamento das funções tradicionais da museologia e o papel que deverão assumir na sociedade contemporânea.

1- Entre essas preocupações deve ser referido o carácter global (planetário) dos problemas relacionados com a **valorização e proteção** do Património Cultural e Natural no quadro de uma visão nacional e internacional não só pela natureza dos problemas mas também pela necessidade de assentar políticas que ultrapassam os limites nacionais e afetam regiões ou em muitos casos dizem respeito ao próprio planeta no seu todo.

Este entendimento resulta em parte da necessidade de envolver recursos humanos, financeiros e legais científicos e técnicos que ultrapassam claramente a responsabilidade local ou nacional. (Convenção do Património Mundial, A Proteção do Património Mundial Cultural e Natural, UNESCO – Paris, 1972)

2- O reconhecimento que as **questões do desenvolvimento** também têm vindo a ser consideradas aos níveis local, nacional e internacional não só pela natureza das questões mas também pelo carácter alargado do princípio da sustentabilidade que obviamente não só ultrapassa as fronteiras como também exige soluções globalmente sustentáveis.

Neste contexto as soluções implicam abordagens multifacetadas e assentes no princípio da participação que não são específicas de um só grupo social mas que ao contrário assentam na participação e no compromisso individual e coletivo. Cultura e desenvolvimento são cada vez mais elementos de uma responsabilidade Social onde assenta a intervenção museal

3- Também é largamente reconhecido que todas as sociedades estão em permanente mudança pelo que a atuação dos museus deverá assentar nessa própria mudança sempre que procura deter um papel socialmente interveniente.

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; (Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972)

4- Os museus são cada vez instituições entendidas como **entidades prestadoras de serviços**, pelo que necessitam crescentemente de envolver os conhecimentos das áreas da gestão da inovação, do marketing, do design e das novas tecnologias da informação e da comunicação. Estas áreas do conhecimento trazem para os museus fatores de

⁵ Mário Moutinho, Definição evolutiva de Sociomuseologia: Proposta para reflexão, in atas do XIII Atelier Internacional do MINOM, Lisboa-Setúbal, Lisboa, Setembro 2007. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/510/413>

melhoramento da qualidade da relação dos Museus com os seus públicos e/ou utilizadores para a qual se aplicam as ferramentas de avaliação da qualidade.

Estas abordagens essenciais mas efetuadas parcelarmente encontram agora numa nova área de conhecimento geralmente denominada por Ciência de Serviços, Gestão e Engenharia. (SSME). Esta área propõe-se reunir e articular de forma consistente os trabalhos em curso no domínio da informática, da engenharia industrial, da estratégia empresarial, das ciências de administração, das ciências sociais e cognitivas e das ciências jurídicas de modo a desenvolver as competências requeridas por uma economia orientada e assente cada vez mais na produção e uso de serviços. Esta área do conhecimento visa o entendimento transversal de outras áreas que por si só atingiram um desenvolvimento considerável, mas que raramente são objeto de entendimento articulado e dialético.

Mais do que uma função propriamente técnica que resulta do entendimento do museu com uma instituição ao serviço dos objetos museológicos os Museus são cada vez mais entendidos como instituições prestadoras de serviços e neste sentido devendo ser compreendidas como qualquer outra atividade de Serviços.

5- A atuação dos recursos humanos envolvidos nas diversas e ampliadas funções dos museus carecem cada vez mais de **formação aprofundada** que ultrapassa as tradicionais formações técnicas que esgotam a atuação dos museus centrados exclusivamente sobre as suas coleções. As Curricula Guidelines for Professional Development actualmente em processo de revisão no seio do ICOM dão claramente conta multiplicidade dos campos de formação de modo a cobrir todas as áreas onde o Museu se afirma como áreas de trabalho. De forma resumida a Declaração do ICTOP de Lisboa 1994 já anunciava este novo processo de revisão da formação dos trabalhadores dos museus.

Os programas de formação museológica devem oferecer oportunidades de formação que visem o preenchimento das necessidades imediatas e das expectativas da comunidade museológica para a munir de uma programação pró-ativa em vez de uma instrução reativa; (...).

Os programas de formação museológica devem preparar formandos, a todos os níveis, para desempenharem mais elevados papéis de liderança, estimulando a investigação intelectual, a interação imaginativa, e soluções corajosas para aplicar a práticas e atividades museológicas, bem como transmitindo um senso de responsabilidade ética, profissional e social;

(Declaração de Lisboa, Resoluções da Comissão Internacional de Formação de Pessoal de Museus – Conferencia do ICTOP/Universidade Lusófona, 1994)

Esta proposta de definição da Sociomuseologia mais do que um puro exercício gramatical pretende na verdade chamar a atenção para toda uma vasta área de preocupações, métodos e objetivos que dão cada vez mais sentido a uma museologia cujos limites não cessam de crescer. A visão restritiva da museologia como técnica de trabalho orientada para as coleções, tem dado lugar a um novo entender e práticas museológicas orientadas para o desenvolvimento da humanidade.

E é exatamente para esta realidade, fruto da articulação de áreas do saber que cresceram por vezes fora da museologia mas que progressivamente se tornaram recursos incontornáveis para o desenvolvimento da própria Museologia, que a definição de Sociomuseologia se revela poder ser um contributo que ajuda a compreender processos e definir novos limites.

Assim entendido a Sociomuseologia assume-se como uma nova área disciplinar que resulta da articulação entre as demais áreas do saber que contribuem para o processo museológico contemporâneo. Entre o paradigma do Museu ao serviço das coleções e o paradigma do Museu ao serviço da sociedade está o lugar da Sociomuseologia